

A INCLUSÃO ESCOLAR PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA
SCHOOL INCLUSION FOR STUDENTS WITH HEARING IMPAIRMENT
LA INCLUSIÓN ESCOLAR PARA LOS ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD AUDITIVA

Andreia Cristina Dalessi¹
Ulisses Costa Simão²
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva³

RESUMO

Este artigo buscou analisar a trajetória histórica e educacional da pessoa com deficiência auditiva no Brasil, com foco na transição do Oralismo para o Bilinguismo. Por meio de uma metodologia qualitativa com técnica exploratória, o estudo discute como a repressão da língua de sinais por quase um século impactou o desenvolvimento intelectual e social dos surdos. Os resultados indicam que a adoção de Libras como língua natural é essencial para o desenvolvimento cognitivo e a efetiva inclusão escolar. Conclui-se que a escola deve atuar como um espaço de valorização da identidade surda, garantindo o acesso à comunicação visual-espacial e à interação cultural necessária para a cidadania.

Palavras-chave: Deficiência auditiva. Oralismo. Bilinguismo. Inclusão escolar.

ABSTRACT

This article sought to analyze the historical and educational trajectory of people with hearing impairment in Brazil, focusing on the transition from Oralism to Bilingualism. Using a qualitative methodology with an exploratory technique, the study discusses how the repression of sign language for nearly a century impacted the intellectual and social development of deaf individuals. The results indicate that the adoption of Libras as a natural language is essential for cognitive development and effective school inclusion. It is concluded that the school must act as a space for valuing deaf identity, ensuring access to visual-spatial communication and the cultural interaction necessary for citizenship.

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Faculdade Integrada de Ariquemes (2011); graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Internacional Lapa (2018); Pós – Graduada em Educação em Especial pela Faculdade Santo André (2012); Atualmente é servidora pública na Prefeitura Municipal de Ariquemes onde exerce a função de Professora (2020); Tem experiência na área de educação infantil, com ênfase em educação especial, atuando nos seguintes temas; Educação e Biologia. dallesy11@gmail.com

² É graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e especialista em Neuroaprendizagem e Práticas Pedagógicas pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. Atualmente é mestrando em Ciências da Educação e atua como Coordenador da Equipe Multiprofissional da SEMED, exercendo a função de psicólogo escolar desde 2012 na mesma instituição, como servidor estatutário. E-mail: psicologista@gmail.com

³Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS. E-mail: rozineide.pereira1975@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0000-6863-7874>



Keywords: Hearing impairment. Oralism. Bilingualism. School inclusion.

RESUMEN

Este artículo buscó analizar la trayectoria histórica y educativa de las personas con discapacidad auditiva en Brasil, centrándose en la transición del oralismo al bilingüismo. A través de una metodología cualitativa con técnica exploratoria, el estudio discute cómo la represión de la lengua de señas durante casi un siglo impactó el desarrollo intelectual y social de las personas sordas. Los resultados indican que la adopción de la Libras como lengua natural es esencial para el desarrollo cognitivo y la inclusión escolar efectiva. Se concluye que la escuela debe actuar como un espacio de valoración de la identidad sorda, garantizando el acceso a la comunicación visoespacial y la interacción cultural necesaria para la ciudadanía.

Palabras clave: Discapacidad auditiva. Oralismo. Bilingüismo. Inclusión escolar.

INTRODUÇÃO

Este estudo deu atenção às pessoas com deficiência auditiva com enfoque de como a sociedade tem se habituado aos mesmos no âmbito escolar. O objetivo principal deste trabalho é esmiuçar a história do ensino dos surdos e mostrar como o bilinguismo traz benefícios ao desenvolvimento humano dessas pessoas. No Brasil somente em 1857 foi fundada a primeira escola para surdos e somente em 1880 houve o Congresso internacional de Milão onde foi estabelecido que a técnica de ensino a ser adotada no mundo seria o Oralismo que prioriza o ensino oralista em detrimento da comunicação através de linguagem gestual, que atualmente é reconhecido como a melhor forma de ensino. Todavia, somente nas décadas de 1980 no âmbito brasileiro é que foi rediscutido se estavam no caminho certo para educação dos surdos no Brasil, ou seja, aproximadamente 100 (cem) anos depois.

A maioria das pessoas já devem ter tido contato ou ouvido falar da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais da qual somente em 2002, através da sanção da Lei nº 10.436 foi reconhecida como a segunda língua oficial do país. Este importante instrumento de comunicação entre ouvintes e não ouvintes é a base para a inserção na sociedade daqueles, a Lei abriu espaço para outras conquistas, como a garantia, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão de Libras como meio de comunicação objetiva.

Por conta de contexto acima exposto onde se viu que o sujeito com deficiência auditiva foi negligenciado e obrigado a se adaptar ao mundo dos ouvintes de tal forma

que somente trouxe retrocessos no processo de inclusão e desenvolvimento humano é que teve-se por objetivo principal neste trabalho esmiuçar a história de forma geral do ensino dos surdos e deficientes auditivos no Brasil e mostrar como a técnica de oralismo ocasionou disparidade com a realidade de sujeito com surdez e qual foi a técnica que melhor trouxe benefícios ao ensino destas pessoas já tão prejudicadas e quais são as possibilidades a serem alcançadas pelos mesmos após estas tão esperadas mudanças.

MÉTODOS

Utilizou-se neste trabalho a metodologia **quantitativa** com técnica exploratória, focada no levantamento bibliográfico e análise dos discursos acerca da deficiência auditiva no contexto escolar. A escolha do caráter exploratório apoia-se em Gil (2017, p. 27), que aponta que estes estudos visam "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias", frequentemente assumindo a forma de pesquisa bibliográfica. No viés quantitativo, buscou-se mapear e mensurar os dados extraídos das fontes para compreender a realidade da aquisição da linguagem e a adequação das potencialidades do sujeito surdo frente aos modelos pedagógicos vigentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida e é, fundamentalmente, uma experiência visual (SKLIAR C, 1998). Observou-se que a medicina muitas vezes foca na restituição da audição e, em caso de insucesso, tende a isolar o indivíduo. A maior dificuldade dos surdos reside na aquisição de uma linguagem que subsidie seu desenvolvimento cognitivo (SÁ NRL, 1999).

O isolamento pela falta de comunicação gera consequências negativas irreversíveis no desenvolvimento psicossocial. O método oralista impôs barreiras, pois tratava o surdo como se fosse um ouvinte, negligenciando a língua de sinais (GOLDFELD M, 2001). A língua natural do surdo é a visual-espacial, que permite a interação cultural plena (QUADROS RM, 2002-2003). O bilinguismo surge como o modelo ideal, onde Libras é a primeira língua e o Português a segunda.

A CONTEXTUALIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA



Em análise a proposição exposta pelo ilustre Doutor poderemos ter ideia e começaremos a compreender a realidade desde a aquisição do uso da linguagem, e de como ela se apresenta no contexto social. Buscaremos e proporemos conhecer o sujeito com surdez e a sua adequação das suas potencialidades, voltando para a análise dos discursos acerca da deficiência auditiva no contexto escolar exclusivista. Sem, todavia, esquivar-se-á da importância deste, como um todo no meio social.

Segundo Doutor em Fonologia e Educação Especial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual. A surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência, Carlos Skliar (1998, p. 11)

A tendência na maioria dos tratamentos médicos relacionados à deficiência auditiva vê-se a tentativa da restituição da audição como um todo, entretanto quando sem sucesso neste tendem a negar o indivíduo. A medicina realiza grandes avanços no desenvolvimento de tratamento mais efetivos em relação às demais patologias, mas, no caso parecem ignorar as relacionadas ao desenvolvimento da perda de audição perpetuando ainda mais a existência de um contexto social diversificado aos portadores deficiência auditiva. Como no contexto social paralelo presente em nossa sociedade, assim como no mundo, vê-se que existe uma grande falta de informação das deficiências em geral, no caso a física, visual ou mental.

Tomemos os conselhos de Skliar no que diz respeito que a deficiência auditiva tem um aspecto visual no sentido de que é preciso ver a perda de audição, conhecer a linguagem utilizada, esta chamada de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, e ela que lhes dão significado de “ser surdo” do sujeito que utiliza forma diferentemente de comunicar-se, e quando existem grupos temos um contexto social definido, por sua principal característica a linguagem.

Como já visto existe uma gradação dos níveis de surdez: existem aqueles deficientes auditivos capazes de ouvir e até mesmo pronunciar palavras quase que normalmente, por outros é quase imperceptível a presença de uma linguagem oral e de pequeno domínio de vocabulário, e ainda temos os que são imersos em uma

surdez profunda onde não existe qualquer tipo de comunicação oral, neste caso presencia-se a comunicação gestual apoiada na linguagem de sinais quando lhes é proporcionado este acesso para aprendizagem. Ao conhecer estes aspectos da surdez repensamos quanto a formação do indivíduo e no que implica a perda da audição quais são as mudanças ocorridas na esfera psicológica, sócia ou educacional. Tendemos a pensar que a surdez é apenas uma perda de audição e dificilmente refletimos como os níveis de surdez podem interferir no modo de agir de um sujeito com tal deficiência.

No dizer de Nídia Regina Limeira de Sá:

[...] que a dificuldade maior dos surdos está exatamente na aquisição de uma linguagem que subsidie seu desenvolvimento cognitivo, os estudos que envolvem a condição de pessoa surda são revestidos de fundamental importância e seriedade, visto que a surdez, analisada exclusivamente do ponto de vista do desenvolvimento físico, não é uma deficiência grave, mas a ausência da linguagem, além de criar dificuldade no relacionamento pessoal, acaba por impedir todo o desenvolvimento psicossocial do indivíduo (SÁ, 1999, p. 047).

Destarte acredita-se que para o entendimento total da pessoa com surdez está na questão fundamental focalizada fora do mesmo, no ambiente exterior, a surdez deve ser tratada como uma questão de linguagem existe uma “ferramenta”, que viabiliza entre determinados grupos de pessoas as mais variadas formas de comunicação superando assim a surdez.

O isolamento de uma pessoa por conta da falta de comunicação traz consigo uma carga negativa que leva a consequências em sua formação perante a sociedade e repercute drasticamente no âmbito educacional. Pior ainda é quando estamos falando de crianças, pois esta falta pode incorrer negativamente no seu desenvolvimento cognitivo, de aprendizagem de interação, o que muito das vezes pode trazer consequências irreversíveis. Esse negativismo se perpetua no meio social oralista, quando se diz que se a criança não aprende e não desenvolve a linguagem oral há uma dificuldade de ser integrada ao meio social.

A pessoa com surdez não aproveita ao máximo no ambiente de convivência com os não surdos, pela falta de audição. Essa limitação em sua vida passa do estado físico para psicológico, é como se um hiato na comunicação, pois, não há troca de informações completas através do processo fonoarticulatório e vice-versa. Assim o resultado desta é o seu afastamento do ambiente, isolamento, solidão e clara perda do convívio social.

Em que se pese não só o que foi exposto até agora, mas, há uma série de razões para afirmar que o sujeito surdo vive cercado da escassez pela falta de comunicação imposta pelo método de ensino exclusivamente oralista e a falta de domínio gestual de comunicação, ou seja a LIBRAS. Neste ínterim social temos a importância que Vygotsky dá as trocas culturais, evidenciando então que a linguagem é um fator não apenas linguístico, mas também cultural, fica claro neste dizer: o sujeito social tem que estar interagindo, em primeiro plano linguisticamente e em segundo culturalmente. Em seus dizeres:

Segundo Sá, em seus dizeres:

[...] privilegiando as mediações culturais, que caracterizam sua visão do homem enquanto ser social, atribui o exercício da humanidade à possibilidade de o indivíduo estabelecer trocas culturais por meio da linguagem (1999 apud Vygotsky, 1924).

Foi realizado um levantamento na década 80 sobre o uso da língua brasileira de sinais e outras formas de comunicação, entre os surdos, verificou-se que ao longo dos anos no debate educacional brasileiro, com grande defesa ao oralismo ao invés do bilinguismo. O sujeito surdo, oralizado tem ao longo acesso quase que exclusivamente ao sistema oralista, no processo de aquisição e uso da fala, escrita, aprende o conteúdo do oralismo, como se fosse um sujeito ouvinte, entretanto, ressalta-se neste sentido que houve uma imposição não explícita para a aprendizagem do surdo no contexto da educação dos ouvintes.



O processo de aquisição de uma língua se dá quando o sujeito assimila a estrutura, o léxico, a pragmática é a semântica da língua de modo natural e espontâneo pelo simples contato com sujeitos proficientes nessa língua, ou seja, o sujeito é imerso num determinado ambiente linguístico e, sem esforço, a adquire (SÁ, 1999, p.161)

Da análise do texto em voga temos que de forma natural e espontânea, a linguagem é um processo de transmissão não imposto. O que causa o surgimento de deficientes auditivos incapazes de comunicarem-se oralmente dentro dos padrões da língua oralista devido ao negligenciamento de disponibilizar os instrumentos de comunicação bilíngue. Desta forma é de tamanha importância a acessibilidade da instrumentalização para a linguagem, de qualquer que seja o processo de interação com outros sujeitos, não só na escola, mas em todos os outros lugares possíveis, estas questões devem fazer parte de nossas discussões no dia a dia.

Para melhor entendimento dos pontos apresentados posteriormente neste trabalho vale dizer que a língua natural é aquela da qual se aprende através da troca e interação da comunicação entre as pessoas surdas. Se há uma boa comunicação da pessoa com a linguagem de sinais está denominada como língua natural, e, por conseguinte terá uma segunda língua no nosso caso a língua portuguesa. É claro que o inverso também é aceito no que diz respeito aos ouvintes, desde que se haja o interesse em aprender a LIBRAS. Neste caso vislumbra-se até a possibilidade de um elo entre os surdos e os ouvintes, eliminando a possibilidade de perda de comunicação entre ambos.

POR DETRÁS DO ORALISMO

Ao iniciar os trabalhos sobre conhecimento do oralismo foi verificado que a leitura labial, as técnicas, pontos positivos ou não, usualmente utilizado por aqueles com comprometimento auditivo requer uma gama de fatores, como: acompanhar movimentos labiais, expressões faciais, gestos das mãos e/ou corporal para haver um entendimento do contexto, ainda assim não garante o conhecimento completo da informação a ser conhecida.

Ao que parece por partes dos defensores do oralismo a única preocupação era de apenas impor aos surdos a possibilidade de atingir exclusivamente o uso das palavras gramaticais faladas e escritas, em especial esta, para se ter um domínio da língua.

No Congresso Internacional de Milão, apesar das vantagens e desvantagens da língua de sinais, foi que o oralismo que alcançou o status da “única forma” o que ocasionou mal estar nos entre a maioria dos educandos e pessoas com surdez, pois o oralismo proíbe a utilização de língua de sinais. Vê-se que de forma impositiva o oralismo tirou da comunidade não ouvintes um instrumento que não tem por seu escopo atrapalhar a inclusão social dos surdos, pelo contrário só tende a suprir em sua completude as reais necessidades na comunicação.

O que deveria estar ocorrendo na educação era que:

[...] as crianças surdas geralmente não têm acesso a uma educação especializada e é comum encontrarmos em escolas públicas e até particulares, crianças surdas que estão há anos frequentando estas escolas e não conseguem adquirir nem a modalidade oral nem a modalidade escrita da língua portuguesa, pois o atendimento ainda é muito precário. (GOLDFELD, 2001, p 34)

O PORQUÊ DO BILINGUISMO

Alguns estudiosos no assunto defendem que o surdo deve ter a língua brasileira de sinais como uma primeira língua e o Português como sendo uma segunda, defendem que o sujeito deve ser conhecedor da língua de sinais e em seguida ter o português como forma de expressão cultural com o mundo oralista, desta forma seria o sujeito surdo possuidor de uma comunicação total. Além do que se acredita ainda que para o sujeito surdo, existem duas formas de linguagem: a língua natural aprendida desde o nascimento como sendo a primeira língua e outra como sendo uma segunda língua, no caso do surdo brasileiro,

Sendo assim Godfeld (2001, p. 39) nos brinda com o significado do bilinguismo que tem por pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos. Essa questão de uso do bilinguismo está sendo nos últimos anos modelo de

transmissão do saber em vários países da América e Europa, defendem que o uso, fará com que haja uma aceitação por parte das comunidades ouvinte em aceitar essa modalidade bilíngue.

Os pais ouvintes tendem a criar seus filhos num ambiente ouvinte como forma de integrá-los, suprir-lhes a falta de audição através de métodos que lhes ensinem a ler e escreve e, sobretudo falar. Ao subtrair dos deficientes auditivos a oportunidade de conhecer a linguagem de sinais dá vazão às graves consequências no processo de aprendizagem e integração ao contexto social.

A QUÃO ESSENCIAL É LÍNGUA DE SINAIS

Somente na década de 80 acompanhada da inserção total Da comunicação no Brasil é que a Língua Brasileira de Sinais atingiu seus ideais, apesar de ter sido tão contestada e até repudiada nos anos anteriores no contexto escolar.

Com grande apoio nos setores da educação brasileira com vetor propriamente reconhecidos como liberais estes apresentam grandes preocupações quanto a formação do docente quanto ao conhecimento e domínio da Língua de Sinais, e ainda a pouco ou quase nula presença de educadores e pesquisadores e até mesmo obras de pesquisas nessa área.

Presente nos ordenamentos legais como obrigações a serem cumpridas com escopo da inserção no contexto social escolar a LIBRAS com respaldo em seu contexto em especial no INES e Centro de Convivências (Associações) como principais figuras institucionais de aprendizagem da LIBRAS, sua importância se faz necessária para que o processo de aprendizagem tenha ou venha a ter resultados satisfatórios no processo de aquisição do saber.

A comunicação nestes aspectos pode ser vista como um processo socioantropológico, com trocas entre os sujeitos envolvidos, obviamente que quando o instrumento de linguagem for diferente em relação entre as formas de expressão entre os indivíduos existirá também divergência de compreensão de tal forma que o processo não será harmonioso como um todo, contudo pode ser administrado quando se propõe a conhecer e respeitar as diferenças dos sujeitos surdos/ouvintes.

Por isso o uso e o conhecimento da LIBRAS também tem uma conotação importante neste contexto social, o sujeito surdo pensa diferentemente do sujeito ouvinte, a forma de comunicação ouvinte/ouvinte e surdo /ouvinte, surdo/surdo desta forma há o preenchimento das lacunas não resolvidas pela comunicação oralista.

O SUJEITO SURDO E A SUA CAPACIDADE REALIZAÇÕES

Existem vários pontos em comum entre os surdos, capacidades de realizarem tarefas que exigem concentração, mas estes processos não necessariamente são observados em todos, estas habilidades podem ser latentes em uns e inexistentes em outros, como também é importante saber de qual meio social lhe impuseram o aprendizado da linguagem seja ela oral ou de sinais e é claro a importância do seu saber escolar, suas possibilidades, e o que lhe foram oferecidas pela instituição escolar.

ANTES DE TUDO RECONHECER E VALORIZAR O SUJEITO COM SURDEZ SIGNIFICA.

A aquisição da linguagem em crianças surdas deve acontecer através de uma língua visual-espacial. No caso do Brasil, através da língua de sinais brasileira. Isso independe de propostas pedagógicas (desenvolvimento da cidadania, alfabetização, aquisição do português, aquisição dos conhecimentos, etc.), pois é algo que deve ser pressuposto. Diante do fato de crianças surdas virem para a escola sem uma língua adquirida, a escola precisa estar atenta a programas que garantam o acesso à língua de sinais brasileira mediante a interação social e cultural com pessoas surdas. (QUADROS, 2002-2003).

A preocupação defendida no dizer de Quadros vai muito mais além da simples questão de aprender a ler e a escrever, sintetiza de modo concreto a importância da língua natural sua aquisição e o seu domínio. A escola deve ser ante de mais nada uma representação do que acontece na vida social do sujeito surdo, com ênfase, sobretudo no oferecimento de uma linguagem que lhe proporcione realizações em todos os aspectos da vida, e se no caso não houver oferecer aos seus educadores,



acesso a aprendizagem da linguagem dos surdos em especial a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oferecer diversos mecanismos de interação com a linguagem por eles usada, como um instrumento de inclusão, que proporcione a todos a possibilidade de serem compreendidos por seus desejos e anseios, buscar apoios em todos os setores sociais e especializados, do modo, a estar sempre conscientes sobre os ideais de uma educação especial e inclusivista.

Ressalta-se a importância de que se existe uma instituição capaz de reunir estes sujeitos, aceitando-os e estimulando-os a serem participativos dentro de suas próprias possibilidades, onde deveria ser enfocando a questão da aprendizagem dentro do contexto educacional, e que tenha subsídios para que ocorra o desenvolvimento de seus educandos, apesar de um processo lento, porém gradual, que cabe em especial a "escola", oferecer este emaranhado de situações do dia a dia que capaz de sistematizar todo o processo de ensino-aprendizagem, por outro lado não se deseja aqui afirmar que somente a escola deve ocorrer com estas mudanças, mas também e principalmente dentro do seio familiar, nas associações e grupos de sociais formados pelos sujeitos surdos.

REFERÊNCIAS

GOLDFELD, Márcia. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 2001. p. 34.

_____. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 2001. p. 39.

QUADROS, Ronice Miller. **Situando as Diferenças implicadas na Educação de Surdos: Inclusão/Exclusão**. In Revista Ponto de Vista, UFSC. N.º 4. 2002-2003.

SÁ, Nídia R. L. **Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EduFF, 1999. p. 47.

_____. **Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EduFF, 1999. p. 48.



_____. **Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EduFF, 1999. p. 161.

SKLIAR, Carlos. **Asurdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Dimensão, 1998. p.11.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 27.